



A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTÁGIOS NA FORMAÇÃO DOCENTE: OBSERVAÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORES

Simone Portella Teixeira de Mello - Universidade Federal do Pampa

Luciana Martins Teixeira Lindner - Universidade Federal do Pampa

RESUMO:

O estudo explora a observação do contexto escolar na percepção de alunos-estagiários, a partir de prática de ensino adotada nas disciplinas Estágio da Licenciatura em Matemática da UNIPAMPA-RS. A metodologia compreende estratégias de trabalho docente (ANASTASIOU e ALVES, 2003), o filme de François Begaudeau “Entre os muros da escola”, pesquisa de observação e coleta de dados na sala de aula com a regência dos acadêmicos (VIANNA, 2007). O processo identitário docente (NOVOA, 2007), revela que a maneira como o professor ensina está diretamente dependente daquilo que ele é como pessoa quando exerce o ensino. Nos seminários com os estagiários criamos quatro categorias observadas: escola, professor, aluno e sala de aula e através de reflexão na e sobre a prática da sala de aula, percebemos que os resultados indicam potencialidades e limitações ao longo dos estágios. Ensino associado à pesquisa, saberes decorrentes de debates e leituras e responsabilidade aparecem como pontos desafiadores. Autonomia figura como limitação e sentimentos ambíguos que perpassam pela sedução, o desencanto com a docência e a possibilidade de superação desta dicotomia através de práticas inovadoras que fizeram a diferença em sala de aula. Diante do espaço inflamável que hoje é a escola, nosso compromisso é dar condições para que o estágio constitua experiência vivida e socializada, enquanto espaço de experiência (LARROSA, 2002), que oportuniza refletir e refazer caminhos.

Palavras- chave: Estágios em Matemática – ensino associado à pesquisa - práticas inovadoras

O Estágio na licenciatura tem sido objeto de pesquisas, contudo ainda são limitados os estudos que investigam os sujeitos sociais diretamente envolvidos no processo de formação inicial: a comunidade escolar com toda a diversidade que este ambiente encerra, os formadores e os alunos-estagiários, suas percepções, seus encantos e desencantos com a docência quando adentram o espaço escolar, diante das observações desse contexto e da iminência de se tornarem professores.

Os estágios se constituem em uma atividade balisadora para a formação de professores, na qual os alunos têm oportunidade de vivenciar o cotidiano escolar e da sala de aula, refletindo a prática do professor regente, traçando perspectivas que potencializarão o conhecimento do contexto histórico, social, cultural e organizacional da prática docente.

Ao atuarmos como professoras das disciplinas de estágio de uma universidade pública recentemente criada no sul do Brasil, a Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA – Campus Bagé, percebemos nossa responsabilidade enquanto formadoras de formadores, relatamos a seguir, a experiência de nossa prática de ensino nas disciplinas de Estágio de Observação e Regência no Ensino Fundamental e no Ensino Médio na Licenciatura em Matemática, assim como as estratégias usadas na orientação dos alunos-estagiários ao longo dos últimos três anos. Posteriormente, destacamos potencialidades e limitações relacionadas pelos alunos diante de suas incursões ao espaço escolar bem como da regência de sala de aula, seguidas das conclusões.

Na maior parte dos cursos de licenciatura o estágio está configurado em dois momentos, o de observação e o da prática de ensino propriamente dita da metade do curso para o final. Os ordenamentos jurídicos que regulam o estágio nas licenciaturas, o sentido de ir a campo e pesquisar seu campo de ação docente futura, assim como o significado do estágio ao longo do currículo avançaram no sentido de que a prática se dê ao longo do curso, não apenas no momento que adentram o campo de estágio. A vivência do contexto escolar pelos alunos-estagiários se mostra como campo fértil para refazermos nossas práticas enquanto formadores de professores da educação básica, assim como têm contribuído para uma interação significativa com as escolas da rede pública que acolhem nossos alunos-estagiários. As idas e vindas às escolas, nos revelam o quanto pode e deve ser explorado neste contexto que é a formação inicial de professores.

Por um lado percebemos que o estágio parece que ainda pouco contribui para a atuação de professores da educação básica, em contrapartida por outro lado vemos um aceno positivo de nossas políticas públicas com os ~~apesar dos~~ investimentos na área a exemplo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES (2008). Os estudos de Piconez (2001) e Pimenta (2006) ratificam isso ao revelarem o limbo do estágio no currículo, muitas vezes considerado como mais um componente curricular a cumprir, desconectado das demais disciplinas. Nossas incursões sobre o tema desvelam fissuras na relação teoria e a prática nos espaços de estágio, a começar pela forma como estes têm sido conduzidos ao longo do currículo, muitas vezes a partir de um plano de ensino, previamente elaborado pelo orientador-professor e pouco dialogado com os alunos-estagiários. É o que acentua Piconez (2001) quando chama a atenção para o planejamento prévio das atividades de estágio desconectado das discussões entre educador e educando.

Assim, em inúmeras situações os alunos-estagiários se deparam com um campo até então explorado numa concepção imaginária, a partir de suas reflexões à luz das teorias

educativas. Situações comportamentais dos alunos observados na sala de aula da rede pública, de silêncio, de certa apatia frente a um conteúdo novo ou mesmo diante de uma pergunta sobre tema já desenvolvido anteriormente são exemplos disso. Questões como essas, ainda são pouco ponderadas nas licenciaturas, embora sejam questões que os alunos-estagiários se deparam de imediato e por vezes, reagem de forma mais reativa do que prospectiva. Ou seja, respondem conforme seu processo identitário de formação docente, mostrando como destaca Nóvoa (2007), que a maneira como o professor ensina está diretamente dependente daquilo que ele é como pessoa quando exerce o ensino. E parte desse processo identitário também está nos referenciais do “bom professor” que o aluno-estagiário se espelha ao longo de sua formação acadêmica.

Então, diante de situações novas, os alunos-estagiários vivem a ruptura necessária, ao perceberem que só o domínio da ciência matemática já não basta. Eles se defrontam com a prática necessária, com a necessidade de adotar estratégias de ensino diversas como meio de encantar os alunos da educação básica. Isso exige desses estagiários planejamento e organização em suas ações de observação, assim como nas futuras práticas de ensino, o que remete a um contrato didático, materializado em forma de plano de trabalho acordado entre universidade, aluno-estagiário e escola.

Sob outro viés, percebemos nestes dois últimos anos, com o advento do programa supracitado, o PIBID, que estes alunos bolsistas encontram no estágio um terreno fértil para por em prática suas vivências na escola, são alunos com um olhar diferenciado para o ambiente escolar pois já convivem na escola com suas idas e vindas semanais. Estes alunos encaram a escola a partir de uma perspectiva de futuro educador, sua apreciação amadureceu e portanto suas ações e empreendimentos neste aspecto também. Nessa direção, a prática de pesquisa permeia o processo de formação.

Pimenta (2006) indica que é essencial a prática de pesquisa com reflexão ao longo dos estágios, integrando situações até então hipotéticas com situações reais vividas quando se vai a campo, tecendo a relação dialética teoria e prática. Ainda Pimenta (2005) reforça que o saber não é formado apenas da prática, mas sim desta relação, por isso, deve ser também nutrido pelas teorias da educação. A teoria alavanca o olhar dos alunos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os mesmos compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios como futuros profissionais. Vianna (2007) pondera o cuidado do pesquisador-observador com suas emoções, pois se em algum momento seus sentimentos são valiosos, em outras situações, as emoções podem influenciar negativamente as observações. Por isso, as observações devem

permitir um retrato vivo da realidade estudada e foi nesta perspectiva que buscamos conduzir o diálogo com nossos estagiários. A observação, como técnica científica, pressupõe a realização de uma pesquisa com objetivos criteriosamente formulados, planejamento adequado, registro sistemático dos dados, verificação da validade de todo o desenrolar do seu processo e da confiabilidade dos resultados. Em relação à regência, abre-se espaço para ver o estágio como um momento em que o professor orientador insere a pesquisa na vivência. Certamente esta prática pode ser vista como um laboratório e, os resultados das pesquisas que resultam desse período podem desencadear mudanças nas concepções dos acadêmicos, dos professores de escola, na postura da Universidade frente à escola e da escola em relação à Universidade.

Além disso, com toda atenção que tem se dado à formação de professores por parte do Estado e mesmo com legislações que regulam o estágio na formação de professores, percebemos que esta etapa ainda se mostra insipiente, em especial quando do retorno da instituição formadora à instituição receptora, e mais ainda quando se trata de divulgar e debater sobre os resultados dos estágios com a rede pública de educação. Contudo, essa etapa do processo de formação é vital, tendo em vista que o retorno necessário daquilo que foi observado e posto em prática, pode fazer a diferença, num sentido de que universidade e escola repensem e avancem em seus percursos formativos.

Estratégias na orientação dos estágios

Este estudo é um recorte de pesquisa que acompanha os alunos-estagiários da licenciatura em matemática de uma universidade pública recentemente criada no sul do país, a Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA – RS – Campus Bagé, dado que a referida universidade possui um sistema multicampi, abrangendo toda a região oeste do estado, dez *campi*. Apresentando estratégias de ensino adotadas nas disciplinas de Estágio de Observação e Regência no ensino Fundamental e Médio. O objetivo ao longo dos três últimos anos foi que o aluno-estagiário desenvolvesse uma pesquisa de campo no contexto da escola de Educação Básica. Para tanto, utilizamos estratégias de trabalho docente com base em Anastasiou e Alves (2003) e Gandin (2006) na intenção de conhecer outras formas de ensinar além do quadro, giz e lista de exercícios, freqüentes nas aulas de matemática. Entendemos como Tardif (2002) que ao transitar da universidade para a escola e desta para a universidade, os estagiários podem tecer uma rede de relações, conhecimentos e aprendizagens, não com o

objetivo de copiar, de criticar apenas os modelos, mas no sentido de compreender a realidade para ultrapassá-la. Aprender com os professores de profissão como é o ensino, como é ensinar, é o desafio a ser aprendido/ensinado no decorrer dos cursos de formação e no estágio.

O uso de filmes também foi elucidativo, em especial os capturados em uma comunidade de vídeos on line, o YouTube, com o intuito de subsidiar os alunos para as observações do contexto escolar e orientá-los para o trabalho acadêmico final. O filme “Entre os muros da escola”, de François Bagadeau (2007), se mostrou uma estratégia atrativa ao ser apresentado aos alunos-estagiários, oportunidade que dialogamos sobre o ano letivo enquanto nove meses de batalha campal no filme, que revela a adolescência francesa multirracial e explosiva, nos mostrando um material rico, um compêndio sobre a adolescência, o ensinar e as limitações da escola pública. De forma mais enfática, o filme contribuiu no nosso diálogo com os alunos-estagiários no que refere à uma sala de aula onde o professor mantém e perde o controle, do professor bem intencionado, dos alunos com problemas familiares, revelando uma outra lente, onde o professor tenta por várias vezes, até do jeito errado, mas na intenção de acertar. Percebemos, no filme, que os resultados são pequenos no que se refere à escolarização dos jovens, que há sucessos mínimos, assim debatemos sobre como a vida tensa do professor.

A partir do estudo da vida e de algumas obras de Freire pudemos refletir sobre questões bastante pertinentes em sala de aula tais como, o rigor e a delicadeza, a possibilidade de ouvir o aluno, entre outros. Os acadêmicos conheceram do que trata a educação libertadora e a educação bancária e muitos constataram que esta última infelizmente ainda se faz presente no ambiente escolar. Fizemos relações com as turmas observadas. Assistiram a uma entrevista de D`Ambrosio com Freire na qual ele conta partes do livro que estava escrevendo, na época, o qual foi o nosso objeto de estudo seguinte, a “Pedagogia da Autonomia”. Nesta obra Freire com maestria brinca com as palavras quase que poetizando o fazer docente, no sentido do sonho possível, da utopia desejada. Pudemos percebermos uma forte identificação da turma com este autor através dos seminários, nas rodas de conversa, nos posters confeccionados para a Mostra dos Estágios, nos relatórios finais, em todos estes momentos, alusões a Freire.

Outra forma de captação de informações e a decorrente construção do conhecimento se deram com subsídios de textos de jornal, em especial de uma série de reportagens sobre educação veiculadas em jornal de grande circulação no RS, assim como dados relativos aos indicadores do SAEB (2007). Posteriormente, as contribuições de Schön (2000) elucidaram

nostros encontros, nas conversas sobre o professor-reflexivo. O autor discute a crise de confiança no conhecimento profissional e salienta que para tal, existe uma mistura complexa de fatores diversos: financeiros, econômicos, políticos, ambientais, educacionais, comportamentais, valores, dentre outros, que incidem na competência profissional. Mas vislumbra uma saída a partir do ensino prático-reflexivo, que pressupõe diálogo, permeado pela reflexão-na-ação, ou seja, dos professores pensarem o que fazem, enquanto fazem. O profissional reflexivo constrói de forma idiossincrática o seu próprio conhecimento profissional, o qual incorpora e transcende o conhecimento emergente da racionalidade técnica. Isso contribui aos estudantes para adquirirem talento artístico essencial para as competências em zonas pantanosas como salienta o autor. Esses espaços, tratados metaforicamente pelo autor ao retratar o distanciamento entre a universidade e a escola, tratam de um lugar firme e em terreno alto, e o outro lugar que é a escola, com uma topografia marginal, pantanosa, mas que, essencialmente revela o quanto a teoria não têm se aplicado na prática, na medida em que as pesquisas no campo teórico e suas recomendações nem sempre representam receitas de resultados eficazes para a escola. Isso reflete na percepção de que o conhecimento profissional, rigoroso, baseado na racionalidade técnica vacila diante do cenário de um contexto escolar indeterminado.. Para tanto, Shön (2000) se apropria de um termo cunhado por de John Dewey, a “Problemática”, ou seja, a incerteza, a singularidade e os conflitos de valores que escapam à racionalidade técnica. Por isso valoriza o ensino da ciência aplicada com a instrução, revelado no talento artístico da reflexão-na-ação, o que compreende aspectos estéticos, trazendo o exemplo usual quando se expressa a profissão docente ou a “arte” de ensinar ao referir-se a profissionais especialmente aptos a lidar com situações de incerteza, singularidade e conflito como a escola se apresenta na atualidade.

Sob outro viés, Zeichner(1997) descreve diferentes modos de estimular os professores a utilizarem o seu próprio ensino como forma de investigação destinada à mudanças nas práticas. Nesta perspectiva o estágio centrado na investigação envolve esforços no sentido de encorajar e apoiar pesquisas dos futuros professores a partir de suas próprias práticas. O ensino no momento da regência em sala de aula, é encarado como uma forma de investigação e experimentação, adquirindo as teorias práticas dos acadêmicos com uma legitimidade que lhes é negada do ponto de vista da Matemática específica, é proporcionado do ponto de vista pedagógico através de metodologias adequadas e também na busca da apropriação do uso das tendências da Educação Matemática.

Para instigar os alunos às práticas reflexivas em suas ações pedagógicas futuras do ensino de matemática também dialogamos à luz de Tardif (2008), chamando atenção para o momento chave que constitui a formação inicial e a inserção na carreira docente, no sentido forte do termo. Os seminários quinzenais, espaços de diálogos entre alunos e professoras também oportunizaram a materialização dos relatos das observações a partir de Vianna (2007). Categorias nominais, destacadas pelo autor, contribuem para a pesquisa de observação e acredito que o trabalho com os alunos-estagiários surtiu efeito a partir da definição dessas. Tais categorias ajudaram na classificação de um contexto, como no caso do contexto escolar e não admitem situações marginais, embora na prática isso nem sempre seja possível. As categorias nominais nos ajudaram, então, a delinear aspectos significativos dos sujeitos observados, Vianna (2007).

A partir de então, definimos que escola, professor, sala de aula e alunos são categorias nominais, na medida em que facilitam o trabalho diante de situações como às que os alunos-estagiários estão vivendo no cotidiano escolar. Tais situações acontecem de forma desordenada, contingencial, mas que tem no diário de campo um meio de registro, como guia para enriquecer a produção de texto futuro, assim como meio de ajuda na retomada de questões e fatos que não ficaram claros, socializados posteriormente com os demais alunos-estagiários e professora.

Então, a elaboração de um guia foi significativa para que os alunos-estagiários mantivessem o foco da pesquisa. Valor do IDEB, hábitos de estudos dos alunos, potencialidades e limitações docentes, formação continuada foram quesitos sugeridos pelos alunos-estagiários distribuídos em quatro categorias de observação do guia: escola, professor, aluno e sala de aula, numa perspectiva que se aproxima de Freire (1997).

O caminho de idas e vindas escola-universidade se mostrou produtivo no âmbito da formação do professor de matemática percebida e desejada, assim como o contexto escolar ideal e o real. O uso de filmes do YouTube elucidou a dimensão humana do professor, assim como o sentido do educador democrático que estimula seus alunos a expressar seus conflitos e aspirações.

As orientações semanais em que cada aluno-estagiário sentava-se individualmente para orientações sobre a forma de como trabalhar determinado assunto, o tecer a quatro mãos a próxima semana de atividades nos possibilitou conhecer mais de perto as concepções e intenções de nossos acadêmicos nos permitiu um acesso num universo mais pessoal, mais personalizado o qual nos cabe como formadoras tocar/mover com o ser pessoal, reforçamos Nóvoa (2007), quando diz que a maneira como o professor ensina está diretamente

relacionado aquilo que ele é como pessoa quando exerce o ensino, suas crenças, valores e convicções. Em geral, eles têm um emaranhado de observações pouco problematizadas, por isso o diálogo se torna essencial nessa etapa da disciplina, onde relatam suas observações do contexto escolar, mas não de vertente crítica, cujo mote está na discussão entre teoria e prática, objetivando uma prática emancipatória no processo educacional. O estímulo à reflexão, em buscar respostas além do que foi informado ou visto, levaram os alunos-estagiários a aprofundarem a pesquisa, problematizando seus achados.

A representação gráfica também se mostrou atrativa aos alunos-estagiários. Foi através da produção de pôsteres que socializamos descobertas, saberes, aprendizagem pela experiência na compreensão de Larrosa (2002), onde a experiência é o que nos passa, nos toca, onde o saber da experiência se deu essencialmente na relação entre o conhecimento e a vida humana.

Vale ressaltar a iniciativa que tivemos em socializar com os professores da educação básica o que foi produzido através de uma Mostra de Estágios. Essa proposta foi aderida pelas licenciaturas do campus Bagé nos anos seguintes a qual conta hoje com uma quantidade de em torno de 80 a 100 trabalhos contemplando as áreas da Química, Física, Letras e Matemática.

Considerações Provisórias

Por um lado, vemos que a reflexão sobre a própria prática a qual estas linhas nos impuseram, pois ao nos revermos, revemos o que foi feito seja isto bom ou com necessidade de transformação para tal, corroboramos com Rios (2010) quando fala que uma reflexão implica sempre uma análise crítica do trabalho que realizamos, questionamos sua legitimidade, o significado que ele tem para nós e para os indivíduos com quem trabalhamos. A certeza provisória às questões que nos propomos pode ser percebida em diferentes faces: na nossa prática, na experiência cotidiana da tarefa que procuramos realizar; na reflexão crítica sobre os problemas que essa prática faz surgir como desafio pra nós e também na possibilidade de sutil mudança encontrada tanto no estagiário como no ambiente em que ele atuou.

Por outro viés, pudemos perceber que os resultados preliminares indicam potencialidades e limitações. As contingências do espaço escolar levaram a outros itinerários, diferentes dos inicialmente traçados. Licenças de saúde de professores da rede pública é um exemplo disso, fazendo com que alguns dos alunos-estagiários buscassem novos caminhos de observação, o que prejudicou em parte, diante do tempo para realização das observações ao

longo de cada semestre e face às demais atividades acadêmicas, pois o Curso de Licenciatura em Matemática é noturno, onde a maior parte dos alunos também são trabalhadores, com média de 8 horas de trabalho diário. O ensino associado à pesquisa, a autonomia e a responsabilidade aparecem como pontos fortes, evidenciados por eles. Percebemos, ainda, sentimentos ambíguos que oscilam entre a sedução e o desencanto com a docência. Diante dos noticiários freqüentes não podemos ficar imunes das sombrias experiências que passam pela sala de aula, assim como não podemos deixar de estimular coragem e afetividade nas ações docentes futuras, o que estimula à criatividade e ao desafio de suprir carências. Há outros tantos dilemas a enfrentar além de tornar a matemática conteúdo instigante e de interesse dos alunos. O conhecimento hoje parece que subjaz o comportamento. A questão está em encantar o aluno da educação básica com aquilo que ao longo dos anos desencantou muitos que ficaram à margem do ensino de matemática, comprometendo suas trajetórias escolares e profissionais. Nossa juventude mutante indica um perfil de professor que fale a sua língua, que rompa com o ensino conteudista. Diante do atordoamento do espaço inflamável que hoje é a escola, observamos que o nosso compromisso é estimular, orientar, dar condições para que o estágio faça sentido. Isso só traz significado se a experiência for vivida e socializada. Entendemos que os alunos que se constituem alunos-pesquisadores ao longo do estágio se mobilizam, e tal movimento os tornam sujeitos de sua própria aprendizagem, construindo conhecimentos sobre o que é ser professor, nos diferentes contextos e nas interações que esses alunos participam na universidade e na escola. Este trabalho nos indica que a essência da licenciatura em matemática está nas vivências do estágio, que prepara para seu desafio maior: ser professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANASTASIOU, L.; ALVES, L. **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville, SC: UNIVILLE, 2006.
- BÉGAUDEAU, Laurent. **Entre les Murs** (Entre os muros da escola). França: IMOVISION, 2007. DVD (150 min): Dolby Digital 2.0.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 13. Ed. São Paulo: paz e Terra, 1996.
- GANDIN, D. GANDIN, Danilo. **Planejamento na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- LARROSA, J. Notas sobre o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº23, jan/fev/mar/abr de 2002, p.20-28.
- NOVOA, A. (Org.) **Vidas de professores**. 2. Ed. Porto: Porto Editora, 2007.

- PIBID. Programa de Bolsa Institucional de Iniciação à Docência – **PIBID/CAPES-2008**. Capturado no site: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>, em 13 de março de 2009.
- PICONEZ, S. (Org.) **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas: Papirus, 2001.
- PIMENTA, S. G. **Professor Reflexivo: construindo uma crítica**. In: PIMENTA, S. G; GHEDIN, E. (orgs.). **Professor Reflexivo no Brasil – gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2005.
- PIMENTA, S.G. **O estágio na formação de professores: unidade Teoria e Prática?** 7. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.
- RIOS, T. A. **Compreender e ensinar. Por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2010.
- SAEB/ INEP. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica/ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Capturado no site: http://provabrasil.inep.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=81&Itemid=98, em 13 de março de 2009.
- SCHÖN, D. A. **Educando o Profissional Reflexivo: Um Novo Design para o Ensino e a Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. (Orgs.) **O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- VIANNA, H. M. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- ZEICHNER, K.. **Novos caminhos para o practium: uma perspectiva para os anos 90**. In: NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Portugal: Dom Quixote, 1992.